

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora

Ano 2020

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
 Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 3 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-664-5

DOI 10.22533/at.ed.645200712

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

#### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. III**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse terceiro volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; leitura e formação docente; e artes e suas nuances.

Estudos linguísticos, com quatro contribuições, traz análises uso de intensificadores, conectores discursivo-argumentativos, alteamento vocálico e análise crítica do discurso.

Em leitura e formação docente, com nove capítulos, são verificados estudos que versam sobre abordagens de leitura, mediação literária, emancipação do leitor, formação de leitores digitais, linguagem e interação, necessidades educacionais especiais, ensino de língua estrangeira, relações étnico-raciais, além de formação médica.

Nas artes e suas nuances, com seis leituras, são encontradas questões sobre o MUC-SP, o contemporâneo, Rodrigo Cunha, Amazônia, agroexperimentais, grafite, pichação e vinhetas.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O USO DOS INTENSIFICADORES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vinicius Guarilha Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
CONECTORES DISCURSIVO-ARGUMENTATIVOS: AS TEIAS DO SENTIDO	
Antonio Vianez da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>35</b>
O ALTEAMENTO VOCÁLICO E A RELAÇÃO DE ESTIGMA E DE IDENTIDADE NO FALAR DOS <i>URBANITAS</i> BAIONENSES	
Divalda Mendes Rodrigues Pontes	
Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>53</b>
VOZES FEMININAS, VOZES DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO	
Claudia Maris Tullio	
Marieli Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>63</b>
AS DIVERSAS CONCEPÇÕES E ABORDAGENS DE LEITURA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
O PROFESSOR DE LITERATURA COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA	
Ramon Borges Portilho	
Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
A MORTE DO AUTOR E A EMANCIPAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO LEITOR	
Mirella Carvalho do Carmo	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES DIGITAIS: ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS EM AULAS DE LINGUA PORTUGUESA	
Alba Helena Fernandes Caldas	

DOI 10.22533/at.ed.6452007128

**CAPÍTULO 9..... 104**

COLABORACIÓN GLOBAL: IDIOMAS Y TIC PARA CRUZAR FRONTERAS

Silvana Andrea Carnicero Sanguinetti

DOI 10.22533/at.ed.6452007129

**CAPÍTULO 10..... 122**

LINGUAGEM E INTERAÇÃO, TEORIA SOCIOCULTURAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Cleber Cezar da Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071210

**CAPÍTULO 11..... 137**

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LINGUAGEM E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Geize de Jesus Silva de Sousa

Jéssica Sousa de Oliveira Mendes

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.64520071211

**CAPÍTULO 12..... 151**

O USO DA FERRAMENTA *SKELL* COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Emanoel Henrique Alves

Giseli Aparecida Cecílio

Adriane Orenha-Ottaiano

DOI 10.22533/at.ed.64520071212

**CAPÍTULO 13..... 167**

AÇÕES PROPOSITIVAS DO PROGRAMA DE EXTENSÃO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Demétrio Alves Paz

Jeize de Fátima Batista

Camila Knebel Fenner

Graziela Maiara Lunkes

DOI 10.22533/at.ed.64520071213

**CAPÍTULO 14..... 179**

EDUCAÇÃO SOMÁTICA E O SABER SENSÍVEL NA FORMAÇÃO MÉDICA

Eline Gomes de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.64520071214

**CAPÍTULO 15..... 191**

O MAC-USP COMO PLATAFORMA PARA SE DISCUTIR O CONTEMPORÂNEO

Matheus Henrique Gonçalves Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071215

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>199</b>
RODRIGO CUNHA: SÓLIDA SOLIDÃO NA CENA CONTEMPORÂNEA	
Sandra Makowiecky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64520071216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>209</b>
EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA: A VERTIGEM DOS CORPOS NO ESPAÇO	
Orlando Franco Maneschy	
Guido Couceiro Elias	
Maria Christina Monteiro Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64520071217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>225</b>
AGROEXPERIMENTAIS EDUCATIVOS #1: O PROJETO JARDIM ANTROPOFÁGICO	
Isabela Nascimento Frade	
Monique das Neves Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64520071218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>238</b>
GRAFITE E PICAÇÃO: GÍRIA IMAGÉTICA?	
Waldemberg Araújo Bessa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64520071219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>251</b>
UM BREVE ESTUDO SOBRE AS VINHETAS	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64520071220</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>255</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>257</b>

# CAPÍTULO 3

## O ALTEAMENTO VOCÁLICO E A RELAÇÃO DE ESTIGMA E DE IDENTIDADE NO FALAR DOS URBANITAS BAIONENSES

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 04/09/2020

### Divalda Mendes Rodrigues Pontes

Universidade Federal do Pará  
Cametá-Pará

<http://lattes.cnpq.br/9912564933536733>

<https://orcid.org/0000-0002-0122-2604>

### Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa

Universidade Federal do Pará  
Cametá – Pará

<http://lattes.cnpq.br/2941296390551969>

<https://orcid.org/0000-0002-3597-0416>

**RESUMO:** A presente pesquisa baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana e trata do alteamento da vogal média /o/>/u/ em posição tônica e pretônica no falar dos baionenses da zona urbana. Objetiva a verificar os condicionamentos desta variação e levar a reflexões a respeito de identidade, estigma, lançando luz sobre um problema social: o preconceito linguístico. O embasou-se teoricamente em Câmara Jr. (1970), Labov (2008), Callou e Leite (1990), Rodrigues (2005) e Campos (2008). O *corpus* para análise se deu através de entrevistas, realizadas com 48 informantes do município de Baião/PA, da zona urbana os quais geraram **1895** dados do fenômeno em questão. O processamento dos dados deu-se pelo programa computacional *Goldvarb*, o qual apontou um percentual de 48%

para presença de alteamento e 52% para ausência dele com significância de .31. Os resultados apontaram 7 grupos de fatores relevantes para explicar a regra de alteamento, os linguísticos: a) monotongação face à não monotongação; b) natureza da consoante do *onset*; c) natureza da coda; d) posição do grupo de força; e também os extralinguísticos como a) sexo; b) escolaridade; c) faixa etária. Do ponto de vista social, o fenômeno em questão parece não estar fortemente ligado a mecanismos de configuração de estigma, pois os que fazem uso dessa variante são tanto pessoas não escolarizadas como também as escolarizadas tomando como referência a escolaridade média 54% com peso relativo de .53, o que merece certa cautela por tratarmos conjuntamente o alteamento em duas posições: tônicas e pretônicas, que podem ter diferentes usos pelos falantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Variação. Vogal Média. Alteamento.

### THE RAISING OF THE VOWEL AND THE RELATIONSHIP OF STIGMA AND IDENTITY IN THE SPEECH OF BAIÃO'S URBANITES

**ABSTRACT:** The present research is based on the theoretical and methodological assumptions of the Labovian variation sociolinguistics and deals with the raising of the mid vowel /o/>/u/ in tonic and pretonic position in the *baionenses* from the urban zone's spoken Portuguese. It aims to verify the conditions of this variation and lead to reflections on identity and stigma, shedding light on a social problem: linguistic prejudice. The theoretical basis included research by authors

such as Camara Jr. (1970), Labov (2008), Callou and Leite (1990), Rodrigues (2005) and Campos (2008). The *corpus* for analysis took place through interviews, carried out with 48 informants from the urban area of the municipality of Baião/PA, which generated 1895 data on the observed phenomenon. Data processing was carried out using the software Goldvarb, which indicated a percentage of 47.7% for the presence of raising and 52.3% for its absence with a significance of .31. The results showed that only 9 (nine) factors were considered relevant to explain the raising rule, among them are the linguistic ones (a) monotongation compared to non-monotongation; b) nature of the onset consonant; c) nature of the coda; d) position of the force group; and also extralinguistic ones such as a) sex; b) education; c) age group. From the social point of view, the phenomenon in question is not strongly linked to mechanisms of stigma configuration, since those who use this variant are both people with no schooling and those with schooling, taking as reference the average schooling 54% with a relative weight of .53. Among other factors, the raising is governed by factors of an extralinguistic nature, since no factor of this nature has been excluded, showing that they are extremely relevant for the realization of the phenomenon under study.

**KEYWORDS:** Raising. Variation. Mid vowel. Sociolinguistic.

## 1 | INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva verificar o condicionamento de elevação da vogal média /o/ [u] em posição tônica e pretônica e propor uma discussão sobre variação linguística e suas implicações em relação ao estigma e identidade, considerando que a língua se manifesta em um contexto social.

Este estudo insere-se numa perspectiva sociolinguística, verificando em que medida o fenômeno de alteamento vocálico ocorrido na média posterior /o/ ~[u] apresenta um caráter variável na língua falada na zona urbana do município de Baião/Pará, estabelecendo correlação entre fatores linguísticos e extralinguísticos como possíveis condicionadores.

Ainda são poucos os estudos desta natureza no município, entretanto, muitas pesquisas já foram realizadas em diversas localidades da Amazônia Paraense, especialmente no Baixo Tocantins, com a contribuição dos trabalhos de Rodrigues (2005), Campos (2008) e Costa (2009).

Para atingir os objetivos propostos, buscamos efetuar uma análise de cunho variacionista quantitativo seguindo a perspectiva laboviana, para gerar os valores numéricos, utilizamos o programa computacional *Goldvarb*. Os dados foram coletados de 48 sujeitos estratificados socialmente em sexo, escolaridade e faixa etária; linguisticamente, consideramos a monotongação face a não-monotongação, natureza da consoante do *onset* (do fenômeno), natureza da coda (do fenômeno), posição no grupo de força.

O presente artigo se estrutura da seguinte forma: a introdução em que



oferecemos uma visão panorâmica deste estudo; a seção 2 que faz um breve apanhado sobre língua, sociedade e as relações de estigma e de identidade. A seção 3 trata sobre das vogais médias e o alteamento. A seção 4 sintetiza a orientação metodológica e os passos de realização da pesquisa. A seção 5 registra nossas análises e discussões dos resultados obtidos; e a conclusão desta pesquisa apresentando de modo sucinto os resultados encontrados na pesquisa e considerações relevantes sobre o fenômeno analisado.

## 2 I LÍNGUA, SOCIEDADE E AS RELAÇÕES DE ESTIGMA E IDENTIDADE

A língua sendo um bem natural do ser humano está sujeita à variação nas diversas formas de manifestação de uso. Ao longo da história da evolução do ser social e da sociedade, a variação e a mudança linguísticas foram recorrentes. Daí o surgimento da sociolinguística que estuda a língua relacionada à sociedade na qual se origina. Alkmin (2003) expõe que quando se estuda qualquer comunidade linguística, constata-se a existência da diversidade ou da variação, o que a Sociolinguística nomeia como variedades linguísticas.

Para Labov (2008), a língua é dinâmica e, por isso, muda com o passar do tempo contínua e ininterruptamente e que, mesmo variando, os falantes continuam se entendendo. É válido dizer que,

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante (LABOV, 2008 p. 140).

Desse modo, entende-se que o valor atribuído às formas de realização e manifestação da fala não se referem aos seus componentes internos e sim à relevância social ou valor do grupo que a produz. Por isso, não se deve desprestigiar a fala por uma questão formal e estrutural da língua.

Para Rodrigues e Silva (2010), o olhar variacionista focaliza as variações no uso da língua tanto dialetal quanto sociodialetal, ressaltando nessa perspectiva que não há formas dicotômicas muito menos estanques, pois se observa a língua em seu uso e, desse modo, são apreciadas as variações assim como as regularidades.

O fato é que a língua nos constrói, ao vivermos em uma comunidade e com ela compartilharmos uma língua, construímo-nos como sujeitos falantes dentro das interações sociais. Assim, Bakhtin (1992) explica que a construção da identidade do indivíduo se dá por meio de relações com o outro, mediadas pela palavra, e Hall (2001) complementa dizendo que o sujeito sociológico nasce quando há o entrelaçamento com a identidade dos outros indivíduos.

A construção da identidade é algo paulatino com contribuições significativas do “outro”, da multiplicidade do “próprio eu” e saber lidar com isso, do meio em que está inserido implicando a sua cultura, costumes, saberes e gostos. Tudo isso contribui para moldar a identidade do sujeito. Essa, também assume uma postura paradoxal de identidade pessoal e identidade para os “outros”, essa relação é indissociável e fortemente instável<sup>1</sup>, segundo Santos (2005, p.123).

Reafirmando, a identidade, em sua construção, perpassa pela vida inteira do indivíduo, e a qualquer momento poderá ser revista e refeita. Sendo assim a “identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura” (DUBAR, 2005, p. 135).

A expressão da identidade segundo Bagno(2017) se dá por diversas maneiras, podendo ser pela etnia, origem geográfica, nacionalidade, gênero, classe social, profissões, pela língua, entre outros. Assim, a noção de estigma<sup>2</sup> atrela-se ao conceito de identidade, nas interações sociais pelas categorizações comumente feitas a pessoas buscando atributos de forma a nivelar às características que são partilhadas por todos. Quando se entra em contato com alguém desconhecido, a preconceção é acionada levando conseqüentemente à análise de sua identidade social. Logo, aquele indivíduo pode ser incluído mesmo apresentando características distintas das demais pessoas, ou considerado uma pessoa fraca, “diminuída ou estragada”, características típicas do estigma, segundo Goffman (1975).

O preconceito é algo que parece está intimamente ligado ao ser humano que mantém relações em sociedade. Faz referência à atitude de atribuir valor ou juízo a algo ou alguém sem ao menos antes conhecer de fato, e isso se dá muitas vezes pelas ideologias que formam ou constituem a própria identidade do indivíduo.

Segundo Campos (2008), falar uma variante desprestigiada na escola é, muitas vezes, motivo de estigma e manifestação clara do preconceito linguístico e social, pois o conceito prescritivo de uma gramática normativa tradicional ainda domina as aulas de língua materna. O falante é, muitas vezes, estigmatizado pela sociedade por não compreender que as variações linguísticas são imanentes da fala e que a língua constitui uma de suas identidades.

Vale lembrar que a variação atrelada a esse contexto de fala é estigmatizada de uma forma que o agente social ainda tem uma formação cultural de uma língua mais prestigiada que a outra, principalmente quando se refere a um único modelo canônico de estrutura em que é ensinado nas escolas.

1 Santos categoriza como indissociável e fortemente instável porque: em primeiro lugar, cada um de nós pode recusar uma identificação e se definir de outra forma e, por outro lado, sendo um processo construído socialmente, muda de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença a que estamos ligados, conforme estes alteram as suas expectativas, valores influentes e configurações identitárias(SANTOS, 2005, p. 123).

2 Advém do grego e significa ‘marcar corporalmente’ com fogo ou cortes a pele de escravos, pessoas criminosas ou traidoras, essa marca concebida como estigma, significa que aquele indivíduo deveria ser evitado.

Esse preconceito veiculado nas escolas, vem desprestigiando, porém, as diversas manifestações de fala, e se realiza devido ao desconhecimento da variação, e que não existe uma única forma “correta” de falar, mas uma diversidade de manifestação linguística que identifica um povo, uma cultura e uma comunidade da fala viva.

### 3 I VOGAIS MÉDIAS E O FENÔMENO DO ALTEAMENTO VOCÁLICO

Câmara Jr (1970) foi o precursor da análise fonológica estruturalista do português brasileiro, mostrou em um inventário o comportamento de fonemas de acordo com a posição que ocupam na sílaba, em um deles, descreve uma organização das vogais, em distintos sistemas, conforme a posição do acento, em que teríamos 7 vogais em posição tônica (a vogal baixa /a/, as médias baixas /é/ e /ó/, as médias altas /e/ e /o/ e as altas /i/ e /u/) e 5 cinco em posição pretônica. A alteração do sistema vocálico decorre da influência de diferentes fenômenos, um deles é o alteamento, sobre o qual tratamos neste artigo.

O alteamento é um processo fonológico no qual se tem vogais médias fechadas [e] e [o] que sofrem uma elevação no seu traço de altura, passando agora a se realizar em [i] e [u] caracterizadas como vogais altas. Consonante a isso, Monaretto (2013, p. 18) menciona que o:

alteamento ou elevação, refere-se à projeção da língua em direção à parte superior, ou mais alta, da cavidade bucal, ao realizar-se uma vogal”. É o caso de uma vogal média alta /e, o/ que se projeta para [i, u], respectivamente. A distinção entre alta e baixa, em posição átona, tende a ser reduzida pela neutralização, que tem por consequência a perda do traço que distingue fonemas.

Conforme Silveira e Souza (2014) o alteamento configura-se pela troca de um fone por outro não estabelecendo, porém, par opositivo resultando em uma neutralização fonética.

No Pará, muitas pesquisas já foram realizadas sobre esse fenômeno, tais como: Dias *et. al* (2007), que verificou a ocorrência de alteamento na zona urbana de Breves a partir de um *corpus* de 36 informantes, verificando maior ocorrência na fala de pessoas de terceira faixa etária e menos escolarizadas, linguisticamente a vogal contígua imediata, favoreceu o alteamento nessa pesquisa.

Rodrigues e Araújo (2007) também analisaram o alteamento da vogal média pretônica e tônica na cidade de Cametá fazendo comparação da zona rural com a urbana para verificar se haveria preconceito linguístico, contaram com 72 informantes, consideraram variáveis linguísticas e extralinguísticas. O resultado obtido apontou para a manutenção das médias, a (53%) e os fatores extralinguísticos

favorecedores do fenômeno alteamento se assemelham ao de Dias *et al* (2007) descrito acima.

Cruz *et al* (2008) analisaram regiões insulares da Capital do estado, tendo 24 informantes para assim constatar que harmonia vocálica é o fator favorecedor para que ocorra o alteamento da vogal pretônica, ou seja, essa harmonia vocálica ocorre por influência tanto da vogal oral alta tônica, quanto da tônica nasal. E novamente os fatores extralinguísticos que favorecem o fenômeno da variação assemelham-se com os resultados das pesquisas anteriormente citadas. Marques (2008), tendo como *locus* da pesquisa o município de Breu Branco, zona de migração, verificou que na fala de seus 24 informantes houve menor produtividade da vogal alta distanciando-se assim dos resultados obtidos em outras cidades do estado Pará.

Campos (2008) verificou, à luz dos moldes labovianos sendo auxiliada pelo programa computacional VARBRUL, o comportamento das vogais médias na zona urbana do município de Mocajuba-Pa. Como resultado das falas dos 48 informantes constatou-se que há um fenômeno em variação neutra, uma vez que o peso relativo de .50, ou seja, a presença e a ausência de alteamento igualam-se, considerando as variáveis linguísticas e não linguísticas analisadas. Notou-se também a presença da harmonização vocálica, o papel assimilador das altas, além das variáveis não linguísticas escolaridade e faixa etária como favorecedores do alteamento.

Silva Neto (1977) pesquisou e categorizou o falar do interiorano paraense em três regiões distintas a saber<sup>3</sup>: a da *estrada de ferro*; a do *Salgado* e a *dos rios*. A esta última se referiu jocosamente como a de *uma canua cheia de cucos de pupa a prua*, ou seja, põe em destaque a elevação do ‘o’ tônico para ‘u’, marcadamente utilizado na região do Baixo Tocantins. Para essa peculiaridade, muitas explicações e pesquisas foram realizadas na tentativa de explicar as influências dos açorianos como também no contexto fonológico ocupado pelas vogais.

## 4 | O LUGAR, O FAZER E O COMO FAZER

### O município de Baião

O município de Baião, localizado na região norte do estado do Pará, é originário da Capitania de Cameté, constitui-se como o segundo núcleo populacional a surgir no ano de 1694, na região do Baixo Tocantins, entretanto, conforme a estimativa do IBGE (2017), o referido município foi elevado à condição de cidade

3 Já Franco de Sá (...) chamara atenção para essa pronúncia. Graças ao Prof. Cônego Ápio Campos, a quem consultei, posso apresentar alguns esclarecimentos. O Pará, *grosso modo*, divide-se em três regiões distintas. A primeira é a região chamada de “estrada de ferro” e compreende a faixa situada entre Belém e Bragança, onde uma densa camada de imigração nordestina suplantou as primitivas características dialetais, pondo na boca dos falantes um nítido falar do Nordeste. A segunda é a região “do Salgado” que atinge o pequeno litoral marítimo do Pará. A terceira é a região “dos rios”: essa é a área onde se troca o tônico por *u* (por exemplo, no Tocantins). A base humana consta de brancos e mestiços: precisa ser estudada. (SILVA NETO, 1977, p. 168)

com a denominação de Baião, pela lei estadual nº 324, de 06-06-1895. Segundo Ramos (2009) “a sede do município localiza-se à margem direita do Rio Tocantins e pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e a Microrregião de Cametá.” Conforme as estimativas do IBGE (2019), a população total é de aproximadamente 47.446 habitantes e possui uma área da unidade territorial 3.759,834 km².

### Constituição da amostra e coleta de dados

A presente pesquisa seguiu o modelo da Sociolinguística quantitativa, utilizada para o estudo de fenômenos que permitem variação, essa metodologia foi criada e descrita por Labov (1972), e no estudo do português brasileiro encontra-se em Tarallo (1994), Mollica & Braga (2003), entre outros autores.

Este estudo obteve seu *corpus* para análise através de entrevistas, realizadas com 48 informantes do município de Baião/PA, da zona urbana, os quais se encontram distribuídos de forma igualitária em função das seguintes variáveis sociais controladas: sexo (**24** informantes do sexo masculino e **24** do sexo feminino); faixa etária (**16** informantes entre **15 a 25** anos; **16** entre **26 a 45** anos e **16** com idade igual ou acima de **46** anos); escolaridade (**12** informantes Não-alfabetizados, **12** com Ensino Fundamental, **12** com Ensino Médio e **12** com Ensino Superior); e procedência (**48** informantes da zona urbana).

O *corpus* foi coletado com sujeitos nascidos ou residentes desde os 7<sup>4</sup> anos de idade, a partir de entrevistas espontâneas, relatos de experiências pessoais dos informantes, Labov (1972), Tarallo (1985). Cada entrevista teve duração média de 30min de gravação.

### Variáveis Dependentes

A composição da variável dependente está subdividida em suas variantes linguísticas nas formas em variação descritas, no quadro, abaixo:

Presença de alteamento	([‘tuku] para ‘toco’)	([ku’mida] para ‘comida’)
Ausência de alteamento	([‘toku] para ‘toco’)	(ko’mida] para ‘comida’)

Quadro 01: Variáveis dependentes

Fonte: Elaboração própria

### Variáveis independentes

Nesta pesquisa elegemos as variáveis<sup>5</sup> suscetíveis de influenciar a elevação

4 É muito comum o deslocamento das pessoas da área rural para urbana aos sete anos de idade para ingressarem na escola da cidade.

5 Originalmente, consideramos 9 fatores linguísticos e 3 não linguísticos; para este artigo fizemos um recorte, retirando 4 fatores.

da vogal posterior, sendo 4 linguísticas e 3 não linguísticas, que correspondem a uma hipótese dos possíveis efeitos sobre a variável dependente. Dentre as variáveis linguísticas, temos a) Monotongação face a não-monotongação; b) Natureza da consoante do *onset*; c) Natureza da coda; d) Posição no grupo de força. Como prováveis influenciadoras de natureza extralinguística ou social, tomamos: a) Sexo; b) Faixa etária; c) Escolaridade.

## 5 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Nesta seção, discorreremos sobre os resultados gerados pelo Programa Computacional *Goldvarb*, considerando os fatores selecionados, apresentando e comentando as variáveis independentes, acompanhados devidamente de seus respectivos valores de aplicação, percentuais e pesos relativos concernentes ao fenômeno do alteamento investigado, bem como os exemplos da atuação da variável dependente.

Trouxemos como recorte sete grupos de fatores que constituíram as variáveis independentes eleitas como possíveis condicionadoras do fenômeno estudado, quais sejam: 1) Monotongação face à não monotongação; 2) Natureza da consoante do *onset*; 3) Natureza da coda; 4) Posição no grupo de força; 5) sexo; 6) Faixa etária 7) Escolaridade.

### Variável dependente

O *corpus* desta pesquisa sobre o qual incide esta análise é composto por 1895 dados, sendo que 903 destes representam a presença de alteamento e 992 a ausência dele. O que corresponde respectivamente a 48% e 52% conforme podemos observar no gráfico 01, abaixo:

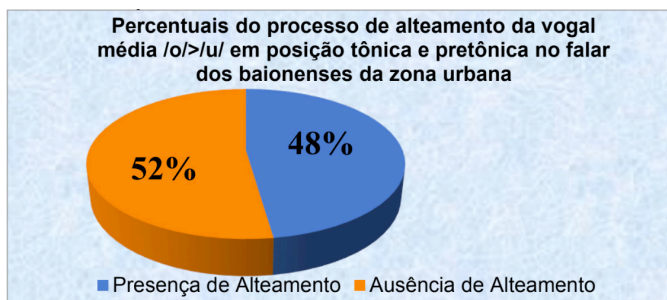


Gráfico 01: Percentuais do processo de alteamento da vogal média /o/>/u/ em posição tônica e pretônica no falar dos baionenses da zona urbana

Fonte: Elaboração Própria

A partir da leitura do gráfico, pode-se inferir que a variação linguística do português baionense apresentou um índice elevado para a presença de alteamento a julgar pelo percentual de **48%**, enquanto que a ausência atingiu a marca de **52%**. Embora a diferença percentual seja relativamente pequena, ainda assim o baionense realiza com bastante frequência o [u] em lugar do [o]. Pois de um universo de **1892** dados, **903** ocorrências da presença, mostrando-se como característico do falar do município estudado.

Outras pesquisas apontam resultados semelhantes, nas quais a presença de alteamento é menor que a sua ausência como as de: Rodrigues (2005) para o município de Cametá em relação à tônica; Campos (2008) para o município de Mocajuba-Pará, em relação à pretônica; Cassique *et al* (2009), que obteve um percentual de 19% para alteamento e 81% de não alteamento em relação à posição pretônica para o município de Breves. Para melhor elucidar a realização desses fenômenos, apresentamos a síntese de aplicação e percentual na tabela 01 a seguir:

VARIÁVEL DEPENDENTE	VALOR DE APLICAÇÃO	PERCENTUAL	EXEMPLOS (TÔNICA E PRETÔNICA)
Presença de Alteamento	903/1895	48%	'b[u]ca / c[u]n'tava
Ausência de Alteamento	992/1895	52%	'b[o]ca / c[o]n'tava

Tabela 01: Variável dependente.

Fonte: Elaboração Própria

### Monotongação face à não monotongação

A monotongação face à não monotongação mostrou-se relevante para explicar o alteamento da vogal média /o/ em posição tônica e pretônica. De acordo com os dados, os contextos de manifestação da vogal unitária simples sobressaíram aos demais, alcançando um percentual de 90%, contudo o peso relativo de **.48** apresenta pouca significância, além de que os valores de aplicação são bastante baixos. Em contrapartida, a vogal unitária monotongada que apresenta um percentual relativamente baixo, é apontada pelo peso relativo de **.89** como bastante significativo para a realização do alteamento, assim, termos como *pouco* podem ser realizados como *pucu*, *roupa* como *rupa* com mais frequência do que o percentual parece demonstrar, como se pode verificar na aplicação de 754/1608, na tabela 02 a seguir:

Variável	VALOR DE APLICAÇÃO	PERCENTUAL	PESO RELATIVO	EXEMPLOS (TÔNICA E PRETÔNICA)
Ditongo mantido	96/228	42%	.46	´n[o]jiti / c[o]i´tadu
Vogal unitária monotongada	754/1608	47%	.89	´p[u]cu /
Vogal unitária simples	53/59	90%	.48	´c[u]mu / c[u]me´çu

Tabela 02: Monotongação face à não monotongação

Fonte: Elaboração Própria

O peso relativo elevado (.89) da vogal unitária monotongada em *p[u]cu*, e também mostra os dados da vogal unitária simples como em *c[u]meçu* e do ditongo mantido em *n[o]jiti* respectivamente. Esse resultado pode ser relacionado aos estudos de Assunção & Costa (2003), que ressaltou que as palavras resultantes de monotongação, peso relativo de .79, são as que favoreceram o alteamento.

### Natureza da consoante do *onset*

O alteamento foi mais favorecido pela anteposição do grupo consonantal. A consoante lateral se mostrou como maior favorecedora da regra de alteamento, com peso relativo de 0.73. Segundo Rodrigues (2005, p.119) essa maior probabilidade de ocorrência pode ser explicada a luz da

estreita relação entre as líquidas (aqui, em apreço, as laterais) e as vogais, uma vez que esses segmentos apresentam, seguindo a teoria de traços do modelo de Chomsky e Halle (1968) (*apud* HERNANDO RENA, 1996), o traço +soante e +contínuo em comum; assim, o fato de as líquidas laterais e o [u] resultante de alteamento serem sons produzidos com uma configuração do trato vocal favorável a uma sonorização espontânea, sem um estreitamento no trato vocal apto de bloquear a passagem do fluxo de ar, seria o elo que favoreceria o alteamento como condicionado pela presença de uma lateral no *onset*.

Considerando os percentuais atribuídos às consoantes, temos a seguinte configuração: as de natureza lateral (85%), nasal (38%), constrictiva (28%), respectivamente, são as que mais favorecem o alteamento. A consoante que favoreceu menos a aplicação da regra foi a vibrante (1%), a exemplo na palavra *r[u]dei*, seguida do *onset* vazio (6%) verificado na palavra *[u]purtuni´dadi* como mostra a tabela 03 abaixo:



Variável	VALOR DE APLICAÇÃO	PERCENTUAL	PESO RELATIVO	EXEMPLOS (TÔNICA E PRETÔNICA)
Vibrante	1/88	1%	.67	r[u]´dei
Vazio	1/16	6%	.56	[u´lha/ [u]purtuni´dadi
Oclusiva	20/208	9.6%	.41	´b[u]ca/ c[u]me´cou
Ramificada	10/49	20%	.59	´pr[o]va/ repr[o]´vadu
Constritiva	125/434	28%	.58	´f[u]mu / v[o]´cê
Nasal	10/26	38%	.73	´m[o]ra / am[u]ntu´andu
Lateral	6/7	85%	.73	humi´lh[u] / cul[u]´cou

Tabela 03: Natureza da consoante do *onset*

Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que pesquisas como de Rodrigues e Araújo (2007), Campos (2008) que tratavam somente da elevação em posição pretônica, o *onset* vazio mostra-se como grande influenciador do alteamento, o que parece ter se diferenciado em relação ao tratamento conjunto das duas posições: tônica e pretônica.

### Natureza da coda

A natureza da coda (da mesma sílaba contendo a vogal estudada) também se mostrou importante para a caracterização do fenômeno em estudo. Assim, pode-se observar que a coda constituída, respectivamente, por semivogal (.86), consoante constritiva (.84) e consoante lateral (.84) mostraram-se favorecedoras da regra de alteamento, com pesos relativos acima de .50.

Pela observação do peso relativo atribuído a cada uma das categorias de coda que utilizamos nesta pesquisa, é possível perceber que somente a coda vazia (.21) como em [u]purtuni´dadi. [u]cupadu e, [u]cupação, se mostrou irrelevante, pois as demais, apresentaram peso relativo bem maior que o ponto neutro (.50), como a coda ramificada (.80), como em dep[o]jis e a nasal (.66) em ac[u]mpanhei, exemplificadas na tabela 04, abaixo.

Variável	VALOR DE APLICAÇÃO	PERCENTUAL	PESO RELATIVO	EXEMPLOS(TÔNICA E PRETÔNICA)
Vazio	197/925	21%	.21	´[u]lha / [u]purtuni´dadi
Nasal	281/434	64%	.66	´c[u]nta / ac[u]mpa´nhei
Ramificada	14/20	70%	.80	de´p[o]jis /
Lateral	56/73	77%	.84	´p[o]rtu / p[u]r´que
Semivogal	53/67	79%	.86	´c[o]lisa /un´rei
Constritiva	302/376	80%	.84	´g[o]sto / ac[u]stu´madu

Tabela 04: Natureza da coda do fenômeno

Fonte: Elaboração própria

## Posição no grupo de força

A probabilidade para a ocorrência do alteamento da vogal média posterior /o/ em relação à posição que esta ocupa no grupo de força foi avaliada a partir de duas categorias: a posição medial, diz respeito à localização no interior do vocábulo; posição final, referente a ocupação no fim do grupo de força. Dentre essas duas categorias, a posição final se mostrou mais significativa para a ocorrência da elevação vocálica da vogal em estudo como peso relativo **.57**, enquanto que a posição medial alcançou **.47**.

Variável	VALOR DE APLICAÇÃO	PERCENTUAL	PESO RELATIVO	EXEMPLOS (TÔNICA E PRETÔNICA)
Posição não-final (t)	594/1338	45%	.47	aícume´ç[u] chegar gente / eu c[u]me´cei passar mais tempo
Posição final(u)	309/557	55%	.57	nós vinha de lá de ´n[u]iti / ela ia ver mercad[u]´ria

Tabela 05: Posição do grupo de força

Fonte: Elaboração própria

## Grupo de fatores extralinguísticos selecionados

### *Sexo*

A partir desta variável, observamos que praticamente não houve favorecimento para um dos dois sexos atribuídos em nossa categorização, pois percentualmente ambos apresentam 47%, a diferença mínima entre **47.4%**, para os sujeitos do sexo masculino, e **47.9%** para os do feminino pouco contribui para explicar o processo de elevação em questão. Todavia, o peso relativo nos ajuda a perceber um certo favorecimento, uma vez que **.43** está abaixo do nível de significância (**.50**), assim podemos afirmar que as mulheres alteiam menos que os homens da zona urbana do município de Baião-Pará. Os homens com peso de **.56**, apresentam maior probabilidade de alteamento<sup>6</sup>.

### *Faixa etária*

A faixa etária mostrou-se também relevante para explicar o alteamento da vogal média /o/ em posição tônica e pretônica. Tivemos como resultado o predomínio da faixa etária acima de 46 anos para a regra de alteamento correspondendo assim 56%.

<sup>6</sup> Os valores de aplicação foram bastante semelhantes, o masculino foi correspondente 446/940 e do feminino, 457/955.

Entretanto, os pesos relativos nos mostram que os informantes pertencentes à segunda faixa etária (de 26 a 45anos), com o peso relativo **.64**, e os da terceira faixa etária (acima de 46 anos), peso relativo **.44**, alteiam mais que a faixa etária de 15 a 25 anos, peso relativo **.41**. Considerando esse parâmetro, os mais velhos realizam com maior frequência o alteamento da tônica e pretônica e esse resultado se assemelha aos de Rodrigues (2005); Campos (2008);Dias *et al* (2007 p. 14) no qual “ podemos dizer parcialmente, que o fenômeno em estudos está em via de regressão”.

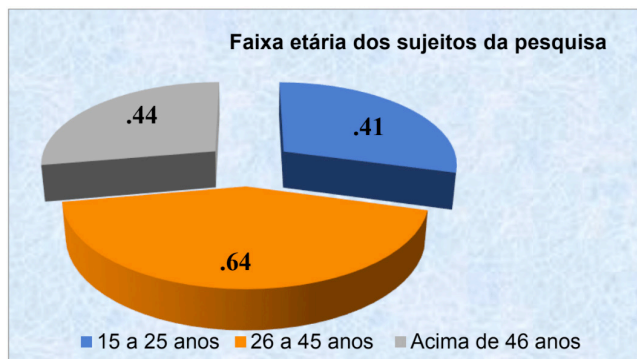


Gráfico 2: Peso relativo da Faixa etária dos sujeitos da pesquisa

Fonte: Elaboração própria

Contudo, há uma complexidade que se interpõe pela maior significância atribuída à segunda faixa-etária (26 a 45 anos), pelo peso relativo de **.64**,constituindo um elemento favorecedor do alteamento, a faixa etária composta pela camada social mais ativa, que está efetivamente no mercado de trabalho, em constante interação.

### *Escolaridade*

Podemos observar que, quanto ao fator escolaridade, a demanda analfabeta (51%) e ensino médio (54%) aproximam-se em seus percentuais, liderando dessa forma o favorecimento na realização de alçamento vocálico. Enquanto o ensino fundamental e o superior seguem em 44% e 42% respectivamente.

Por esses dados, infere-se que o processo de escolarização exerce categórica influência na realização de fala dos habitantes de uma comunidade. No dizer de Cassique (2004, p. 13), alteamento “é um fenômeno da fala não-escolarizada, estigmatizado, e enfaticamente rarefeito no discurso daquele que concluiu o 2º grau”. Entretanto, nos estudos de Callou & Leite (1999), é possível compreender que o fenômeno de alteamento principalmente na pretônica não se configura mais

como um objeto de estigmatização, pois os que fazem uso dessa variante são tanto pessoas não escolarizadas como também as escolarizadas e a presente pesquisa reafirma isso.

No gráfico 10, a seguir pode-se observar os pesos relativos referentes à escolaridade.

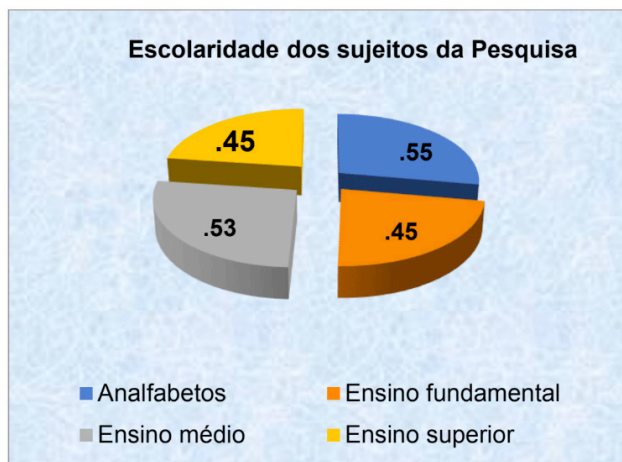


Gráfico 3: Escolaridade dos sujeitos da pesquisa

Fonte: Elaboração própria

O fato da elevação da vogal posterior ser mais frequente na fala de pessoas não escolarizadas aponta para uma resistência de alteamento por parte dos falantes escolarizados, considerando uma certa gradação impulsionada pela ação da escola, assim o ensino fundamental parece estar agindo significativamente para vetar o alteamento, talvez pela ação do ensino prescritivo nesse nível de estudo, seguido pelo nível superior que representa a massa culta da sociedade baionense.

Olhando por esse prisma, observa-se uma tendência de vetar a marca dialetal da Amazônia paraense, especialmente a Tocantina. Mostrando, assim, a diferenciação dos sujeitos estratificando-os, diferenciando-os, possibilitando uma percepção do estigma e da perda da identidade amazônica. Nesse sentido, é que trazemos a visão de Goffman (1975) que trata da identidade deteriorada e de Bagno(2002) que considera o preconceito linguístico como uma das formas mais veladas de preconceito contra o ser humano. Estudos realizados na região, como o de Rodrigues (2005), Campos (2008, 2019) registram que “ a elevação da vogal média posterior em posição tônica tem sido razão para muitas formas de preconceitos, comentários jogosos e depreciadores do falar do Baixo Tocantins,

reações fortemente estigmatizadoras” (CAMPOS-DE-SOUSA, 2019, p.188)

## 6 | CONCLUSÃO

De posse dos resultados desta pesquisa, pode-se concluir que a ocorrência de alteamento da vogal média /o/>/u/ em posição tônica e pretônica no falar dos baionenses da zona urbana, é muito relevante, visto que tem-se o percentual para presença de (48%) e para a ausência (52%) o que corrobora a percepção de um fenômeno recorrente na zona urbana do município de Baião.

Do ponto de vista social, o fenômeno em questão mostra indícios de uma manifestação de estigma, uma vez que foram os não escolarizados que obtiveram o maior percentual de elevação (51%) confirmado pelo maior peso relativo (.55), e o nível superior percentualmente apresentou o menor índice percentual (42%). Outro aspecto a considerar, está no fato de o peso relativo do ensino médio (.53), mostrar maior favorecimento do que o do ensino superior (.45). Assim, considera-se pertinente um olhar mais atento à natureza da intensidade, pois o alteamento na pretônica é muito bem tolerado, o que não acontece com em relação à tônica (CAMPOS, 2019).

Pode-se inferir também que os adolescentes do ensino médio ao fazerem o uso dessa variante estão demonstrando sua identidade, seu grupo social e isso sem preocupação, sem “culpa” ou “peso” de serem estigmatizados socialmente como falantes que usam uma variante de desprestígio ou inadequada, mas pelo contrário, essa opção de escolha se assemelha mais a um “grito” de liberdade, por sua transição de faixa etária, ou por uma questão de participante/integrante direto de uma comunidade de fala completamente desprendida de rótulos linguísticos, deixando para trás os costumes de uso da língua patriarcal, sendo aprisionados em uma possível fala de identificação familiar, o que parece se configurar entre os *urbanitas* baionenses, já que fazem parte da mesma microrregião.

Vale considerar que algumas palavras realizadas contendo o alçamento vocálico são mais “aceitas” do que outras contendo o mesmo fenômeno, como *b[u]lacha* para b[o]lacha, *f[u]gão* para f[o]gão, *m[u]leque* para m[o]leque que não são tidas como estigmatização ou preconceito linguístico, contudo é perceptível o desconforto que pode configurar em um objeto de estigma e preconceito linguístico nas palavras em posição tônica como em *b[u]ca* para b[o]Ca, *b[u]tu* para b[o]to, *n[u]iti* para n[o]ite, *m[u]ça* para m[o]ça como também em algumas palavras em posição pretônica como *M[u]cajuba* para M[o]cajuba, *g[u]leiro* para g[o]leiro, *b[u]leiru* para b[o]leiro, *b[u]tava* para b[o]tava e *c[u]ntaram* para c[o]ntaram. Cassique (2003) ressaltou que essa percepção de estigma é vista desde os ambientes escolares, os quais elegem uma forma padrão de uso e logo, os indivíduos no seu falar fazem o

autopoliciamento evitando assim a variável.

O alteamento em posição pretônica parece-nos tributário de uma identidade nacional, contudo o alteamento na tônica mostra uma propensão maior para a Amazônia paraense, especialmente ao Baixo Tocantins, pois os sujeitos sociológicos compartilham dessa mesma identidade e constroem o seu “eu”.

## REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria (2003). “**Sociolinguística: Parte 1**” In: MUSSALIM, F.; BNTES, A. C. (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, vol. 1. São Paulo: Cortez.

ASSUNÇÃO, Martha Pantoja & COSTA, Raquel Maria da Silva. **O alteamento [o] > [u] no falar do analfabeto das ilhas de Cametá: um exercício variacionista**. UFPA/CUNTINS: Cametá, 2003.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística/ Marcos Bagno**, - 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BENTIVOGLIO, P. **A variação nos estudos sintáticos**. Anais do GEL. Campinas, UNICAMP, 1987. p.7-29.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Tese de Doutorado em Linguística e filologia apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro. 1ºSemestre de 1981.

\_\_\_\_\_. **Neutralização das Átonas**. Revista Letras. Curitiba: UFPR, n.61, especial, 2003, p. 273-283.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMPOS, Benedita M. do S. Pinto. **Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no Município de Mocajuba-Pará**. 2008. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA. Orientador: Regina Célia Fernandes Cruz.

CAMPOS-DE-SOUSA, B. M. S. **O alteamento vocálico da pretônica e a relação de estigma e identidade na Amazônia Tocantina**. Revista Moara, n.54, ago-dez 2019, ISSN: 01040944.

CASSIQUE, Orlando. et al. **Variação das vogais médias pré-tônicas no português falado em Breves (PA)**. In: HORA, D. (Org.) Vogais no ponto mais oriental das Américas. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 163-184.

CRUZ, R. **As vogais médias pretônicas no português falado nas ilhas de Belém (PA)**. In: ARAGÃO, M. do S. S. de (Org.). Estudos em fonética e fonologia no Brasil. João Pessoa: GT-Fonética e Fonologia / ANPOLL, 2008.

DIAS, M. P.; CRUZ, R. C. F. **O alteamento das vogais pré-tônicas do português falado na área rural do município de Breves-PA: uma abordagem variacionista** (CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICAOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA, 1, 2007, Pará. **Resumo...** Belém, 2007.

DUBAR, C. 2005. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo, Martins Fontes, 332 p.

\_\_\_\_\_. 2009. **Crise das Identidades. A interpretação de uma Mutação**. São Paulo, Editora Universidade, 206 p.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**  
Tradução: Mathias Lambert Data da Digitalização: 2004 Data Publicação Original: 1891

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2001. p. 13.Pp.11-12, 2001.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/baiao/panorama>.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, L. C. **Alteamento das vogais pré-tônicas do português falado no município de Breu Branco (PA): uma abordagem variacionista**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras. Universidade Federal do Pará, Belém.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONARETTO, V. N. O. **O alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente: um estudo em tempo real**. Fragmentum, Rio Grande do Sul, v. 39, p. 18-28, out./dez. 2013.

PAIVA, Maria da Conceição. **A variação gênero/sexo**. In: Introdução à sociolinguística: tratamento da variação. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Sandoval Coelho; **Baião: a história de um município**. Valente Gráfica e Editora, 2009.

RODRIGUES, D.; ARAÚJO, M. **As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá/PA – a harmonização vocálica numa abordagem variacionista.** Cadernos de Pesquisa em Linguística, Variação no Português Brasileiro. Porto Alegre, v.3, p. 104-126, nov. 2007.

RODRIGUES, D. **Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pretônica: o alteamento /o/ > /u/ no português falado no município de Cametá/Ne paraense - uma abordagem variacionista.**2005. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém.

SANTOS, C. 2005. **Construção Social do Conceito de Identidade Profissional.** Interações, 8:123-144. Disponível em: <http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/145/149>. Acesso em: 26/03/2020

SILVA, Gilmar & RODRIGUES, Doriedson. **Linguagem e Educação na Amazônia Faces e Interfaces de Pesquisas.** Volume I – Linguagem, Cultura e Sociedade. Cametá, UFPA Campus Universitário do Tocantins/Cametá, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil.** 4 ed. Rio de Janeiro, Presença, 1977.

SILVEIRA, Eliete Figueiredo Batista de; SOUZA, Silva Carolina Gomes. **Alteamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: décadas de 70, 90 e 2010.** Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, nº 12, mai. 2014.

TARALLO, Fernando **A Pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática.1986.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteamento vocálico 35, 36, 39, 50

Amazônia 36, 48, 50, 51, 52, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224

Análise crítica do discurso 53, 54, 62

Artes 2, 171, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 218, 223, 224, 225, 230, 234, 237, 238, 239, 241, 244, 246, 247, 249

Autor 23, 24, 25, 28, 69, 72, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 92, 93, 94, 105, 124, 125, 127, 132, 133, 154, 169, 172, 184, 206, 207, 208, 234, 238

### C

Conectores 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 33

### E

Educação básica 91, 95, 99, 102, 140, 153, 155, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

Emancipação 81, 240

### F

Formação de leitores 89

Formação docente 89, 122, 123, 129, 132, 137

Formação médica 179, 180, 181, 184, 186, 188

### G

Gíria 238, 239, 246, 247, 248, 249, 250

Grafite 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

### I

Imagem 59, 98, 101, 126, 143, 144, 146, 148, 161, 187, 189, 194, 205, 208, 212, 214, 215, 216, 219, 220, 222, 247, 248

Intensificadores 1, 2, 3, 8, 9, 14, 15, 16, 172

### L

Leitor 26, 27, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 91, 93, 94, 97, 101, 102, 103, 141

Leitura 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 123, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 150, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 177, 183, 199,

248, 249, 250, 255

Letras 2, 29, 33, 34, 50, 51, 52, 56, 60, 62, 67, 80, 87, 136, 137, 138, 139, 141, 150, 164, 169, 174, 175, 189, 190, 208, 218, 238, 243, 246, 255

Língua estrangeira 1, 129, 133, 151, 153, 154, 158, 162

Linguística 2, 33, 36, 37, 39, 43, 50, 52, 55, 89, 91, 93, 95, 103, 135, 136, 140, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 164, 238, 247, 250, 255

Literatura 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 103, 109, 112, 137, 142, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 191, 254, 255

## **N**

Necessidades educacionais especiais 137, 140, 141

## **P**

Perspectivas 2, 37, 65, 88, 95, 102, 125, 169, 213, 223

Pichação 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

Prática docente 70, 89, 90, 101, 122, 123, 133, 134, 135

## **R**

Relações étnico-raciais 167, 168, 169, 171, 174, 177, 178

## **S**

Saberes científicos 2

Sentido 10, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 48, 54, 57, 64, 69, 71, 72, 74, 77, 82, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 110, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 140, 156, 170, 182, 190, 193, 194, 205, 216, 229, 231, 232, 233, 235, 244

## **V**

Vinhetas 251, 252, 253, 254

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 


[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 